

Brasília não pode ser industrializada

NOVA SECRETARIA

Ela deve vir, mas não para encher de indústrias o DF

Newton Egydio Rossi — O problema é questão de enfoque, somente. Eu tenho a impressão de que está havendo um equívoco muito grande por parte dos empresários de Goiás, que são nossos amigos, nós sempre nos batemos por um entendimento até fraterno. Eu estou achando que está havendo qualquer coisa errada aí, e até sugeri há pouco tempo uma troca de ideias, nós formulamos um documento, assinado pela Associação Comercial que é quem levantou a bandeira da Secretaria da Indústria e Comércio, e que recebeu desde a primeira hora do apoio integral da Federação do Comércio, e continua recebendo, para que nós façamos um documento sério expondo as razões por que os empresários desejam essa Secretaria, que consideramos uma necessidade. Brasília tem status de Estado e talvez seja um dos poucos ou mesmo o único que não tem a sua Secretaria da Indústria e Comércio. E penso que não tem nada a ver uma Secretaria da Indústria e Comércio com o Pólo Industrial, são coisas distintas. Até em termos de uma Secretaria da Indústria e Comércio iria disciplinar a instalação de indústrias aqui, evitando as indústrias poluentes, as grandes indústrias que gerariam problemas sociais de alta monta. Para nós é um problema apenas de enfoque, está havendo uma visão distorcida do problema, ou alguma demagogia política que não entendemos, mas quero crer que o Presidente, se falou, acreditamos até que não, preferimos que não, mas se falou, ele ainda não tem os elementos necessários para um julgamento final, foi naturalmente uma expressão, assim, que ele faz a toda hora, naquelas perguntas improvisadas que surgem. Mas, temos a certeza que, de posse de um documento que pretendemos, liderado pela Associação Comercial, pelo nosso amigo Lindberg...

Lindberg Aziz Cury — Liderado não, conjuntamente.
Newton Rossi — Conjuntamente, com todo o apoio de todos os segmentos da classe empresarial de Brasília, o que vale dizer, a Associação Comercial, a Federação do Comércio, Federação das Indústrias, os Sindicatos que compõem as Federações do Comércio ou da Indústria, as Associações Comerciais das Cidades-Satélites, o Clube de Diretores Lojistas — esse documento irá sensibilizar o Presidente, e tendo certeza que ele estudará melhor a questão e terá então, depois, uma definição já em cima de elementos objetivos para um julgamento melhor. Agora, que há uma necessidade, isso é indiscutível; nós precisamos de um canal mais amplo, mais largo e mais adequado para um contato melhor com o Governo, se bem que sempre tivemos, mas é óbvio que uma Secretaria da Indústria e Comércio iria, inclusive, disciplinar e ajudar demais o desenvolvimento do comércio de Brasília.

Ainda hoje temos umas declarações do Secretário de Finanças, formidáveis, que nos encheram de entusiasmo — o comércio realmente é uma grande força de Brasília. Brasília é uma cidade que tem 1 milhão e meio de habitantes, e o comércio aqui já deu provas. A expressão empresarial que nós temos aqui, o Wagner Canhedo, da Viplan, o Osório da Brasil, o próprio Lindberg, o Luiz Estêvão, que é um empresário jovem — hoje, o Grupo OK é o maior revendedor do mundo, de pneus e pouca gente sabe disso, é um grupo empresarial que tem sede em Brasília, e que tem a dirigi-lo um empresário jovem como o Luiz Estêvão, que é de Brasília. Então, Brasília hoje é uma expressão nacional ponderável, e tenho a impressão de que essa polêmica com o empresariado de Goiás em nada resultaria. O que nos interessa é uma mesa redonda que vamos fazer, a semelhança dessa — nós trocamos ideia com o Lindberg ainda há pouco, vamos convidar os empresários de Goiás para virem a Brasília e aqui debater o problema — po-

deria até ser sob os auspícios do **Correio Braziliense**, também. Vamos fazer isso, e temos a certeza de que aqui eles vão compreender que a nossa intenção não é industrializar Brasília, mas nós temos o direito também de reivindicar, de pedir aquilo que achamos justo e necessário para Brasília. Este é o nosso ponto de vista.

CB — Talvez o que eles temam é que Brasília tenha uma força política grande, e realmente possa usar essa força política para industrializar-se.
NEWTON ROSSI — Não procede. Veja bem, nós estamos aqui diante do Secretário de Finanças, o homem que manuseia a economia local e sabe dos recursos com que conta o Distrito Federal. Jamais nós teríamos recursos para montar uma infraestrutura para grandes indústrias como tem o DAIA, em Anápolis. O DAIA tem uma infra-estrutura extraordinária feita pela Hidroservice, na Região Geoeconômica — como diz o Lindberg sempre nas entrevistas, "nós temos é que apoiar a Região Geoeconômica", apoiando a instalação de grandes indústrias, dentro daquele projeto que foi esquecido, da

Está havendo interesses eleitoreiros na discussão

Sudeco, o Projeto da Região Geoeconômica de Brasília que prevê os pólos industriais em Anápolis, Luziânia, Uruaçu e Formosa, com toda infraestrutura social, escolas, hospitais, uma série de coisas.

LINDBERG — Eu acrescentaria, também que nós partimos de um princípio de que existe uma filosofia aqui no Distrito Federal que é contra a implantação de indústrias de grande porte, e justamente essas poluentes que foram mencionadas pelo Dr. Newton; nós também defendemos esse ponto de vista, nós não queremos Brasília com essas grandes indústrias poluentes que queremos mesmo. Goiás também aceita essas indústrias poluentes, e o Presidente da República, com justa razão, fez esse pronunciamento contra a Secretaria, talvez pensando que, segundo a argumentação que eles estão "vendendo" não sei a troco de que, de que a classe empresarial de Brasília luta pela Secretaria, principalmente pela implantação de indústrias de porte pesado aqui no Distrito Federal.

Nós vamos dar um exemplo que caracteriza bem esse caso. Recentemente nós pleiteamos do Governo local áreas no Setor de Indústria de Ceilândia e de Taguatinga. Pedimos Ceilândia e Taguatinga, e Taguatinga principalmente, uns lotes pequenos, e o Governo liberou esses terrenos para nós. E os industriais já estão montando lá um esquema: formar uma pequena indústria de transformação. Mas os lotes são tão pequenos que não permitem crescimento. Na verdade serão indústrias de transformação; é indústrias, de montagem de gravador, indústrias de montagem de rádio, de montagem de equipamentos que não precisam de usinas e energia em grande escala. Agora, para Brasília é interessante, porque vai aprimorar mão-de-obra, para Brasília é interessante porque aumenta os impostos. O Fernando Valente aí está lutando intransigentemente para dar um status de capital, independentemente do Governo Federal — é uma luta dele há muito tempo. E Goiás, por razões políticas, e eu não sei se eu deveria denunciar isso, porque realmente deve ser feito em caráter de denúncia, porque são manobras políticas tentando menosprezar uma ideia em troca de programas eleitoreiros. Eu vou dizer o que é, eu acho que devemos esclarecer esse assunto. Logo que nós tomamos conheci-

No "Dia do Comerciante", que transcorreu na última sexta-feira, uma festa promovida pela Federação do Comércio de Brasília, no Hotel Nacional, reuniu quase mil pessoas, entre empresários, representantes dos governos federal e estadual, e outros convidados. Foi uma demonstração de força do comércio de Brasília, atividade econômica que aqui, onde a indústria é incipiente, e limitada pelas próprias condições da região e da capital federal, e onde a agricultura está apenas começando a se desenvolver, é de importância vital.

Para discutir os problemas do comércio, suas perspectivas, Brasília dentro da região geoeconômica, e uma das principais reivindicações dos comerciantes, tendo a frente Newton Rossi, presidente da Federação do Comércio de Brasília, e Lindberg Aziz Cury, presidente da Associação Comercial do DF, que é a criação, na estrutura do GDF, de uma Secretaria de Indústria e Comércio, o "Correio Braziliense", reuniu, numa mesa-redonda, os dois dirigentes de classe, mais três dos homenageados pela Federação, no "Dia do Comerciante" — o secretário de Finanças do DF, Fernando Tupinambá Valente, o superintendente da Sudeco, René Pompeo de Pina, e o empresário Luiz Estêvão de Oliveira Neto, do Grupo OK, e o presidente do Banco Regional de Brasília, Celso Albano. Aqui e nas páginas seguintes, suas opiniões.



Na mesa-redonda do "CB", debate entre empresários, governo do DF e governo federal

mento disso, nós estranhamos que a Associação Comercial de Anápolis estivesse tomando essa posição, dessa maneira. Estranhamos porque nós temos posição clara e definida — hoje eu dei uma entrevista e o Newton deu outra, ontem — eu nem sabia da entrevista dele e nem nós havíamos conversado, mas há pontos de acordo, há uma identidade perfeita nas nossas entrevistas. Então, nós temos um ponto de vista firmado aqui em Brasília, nós queremos Brasília apenas como um centro administrativo e não poluente. Agora, um político muito hábil, muito inteligente, que transita em Brasília, foi até Anápolis, procurou o Presidente da Associação Comercial e sensibilizou-o de que essa Secretaria acabaria com o projeto de crescimento de Goiás. E aí, vai ele e levanta uma polêmica que para ele é muito interessante, o assunto está entrando, semana que vem ele já começa a aparecer através dos jornais de Brasília, de outras localidades, como o defensor da Região Geoeconômica, como o candidato de Goiás não sei se a Deputado ou a Senador, por um partido da oposição. E geram essa polêmica toda, em prejuízo de uma Secretaria que, meu Deus do Céu, não tem nada a ver com isso. Nós somos claros nos nossos pontos de vista, o que nós pretendemos e isso que foi explicitado pelo Dr. Newton, o que nós queremos é que Brasília mantenha essa tradição de centro de decisões do nosso país. As nossas empresas aqui estão fugindo de Brasília por não encontrarem amparo — eles estão indo para outras localidades, vendendo novas tecnologias lá fora: eu citaria a Eldorado está construindo mais de 2 mil apartamentos no Rio de Janeiro; e outros, também, estão saindo daqui de Brasília para outras localidades.

Então, são fatos políticos que estão assim aguçando a curiosidade de Goiânia, que saiu para carregar a bandeira, com Anápolis também, uma bandeira bonita, a imprensa dá uma cobertura enorme, e virou um assunto palpante em todos esses lados, e atrás disso existem os salvadores da pátria que vão se beneficiar, se candidatar a Deputado, Senador, em razão da Região Geoeconômica. E, podem observar, a partir da semana que vem, de domingo em diante, vocês já vão ver os salvadores da Região Geoeconômica.

Nós enfrentamos desafios de tudo quanto é natureza, com dois, três anos, não sei há quantos anos que as entidades de classe estão lutando aí, para ganhar a simpatia da criação da Secretaria da Indústria e Comércio, depois que tivemos essa primeira manifestação do Governo Lamaison, e ao que tudo indica, também o atual Governo estaria e iria fazer uma análise, com amplas possibilidades de aprovação da criação da Secretaria.
LUIZ ESTÊVÃO DE OLIVEIRA NETO — Eu acho que existem duas coisas realmente separadas e diferentes, que estão sendo misturadas com o objetivo de distorcer tudo. O problema é que Brasília sempre teve uma indústria muito grande. É inegável que se Brasília não tivesse a indústria que teve durante todos esses anos, Brasília não chegaria ao ponto a que chegou: foi a construção civil. A construção civil é uma indústria, e teve em Brasília, talvez a maior expressão do Brasil nos últimos 20 anos, desacelerando-se a partir de 5 anos para cá. Então, Brasília nunca foi uma cidade sem indústria, acontece que a construção civil não chama atenção talvez por não ser poluente e não tem aquela característica de fábrica, quer dizer, ela é uma indústria, vamos dizer assim, de fábricas móveis, ela se

A construção civil se desacelerou, e nada surgiu

move em direção ao seu canteiro. Então, na verdade, não há, na minha opinião, essa impossibilidade de se excluir totalmente a industrialização de uma cidade ou de uma região. Não tem a menor possibilidade disso, e se torna completamente inviável. Nós estamos enfrentando problemas aí que os jornais cansam de abordar, o problema de criminalidade, de desemprego e tudo isso, que são consequências exclusivamente da desaceleração da construção civil, e de não aparecer nada que pudesse substituir isso. Então dizer que Brasília nunca teve indústria não é verdade.

O outro ponto é o seguinte: a Secretaria da Indústria e Comer-

cio necessariamente não modificará nada em relação às vontades do Governo, absolutamente, ela continuará sendo orientada do Governo para baixo e nunca de baixo para cima. Então, não faz a menor diferença: não é a Secretaria que acelerará uma industrialização de Brasília, não é a criação da Secretaria que acelerará um processo de desvirtuamento da Capital, nada disso: é apenas mais um instrumento de relacionamento empresários e Governo. Apenas isso. Se houver uma decisão do Governo, de orientar a cidade num sentido ou noutro sentido, independe da existência da Secretaria.

LINDBERG — Eu acho que foi muito bem focado. Inclusive, quem vai definir a filosofia de industrialização ou não é o Governo. O Governo é quem dá as linhas, a Secretaria não pode fazer, não vai fazer mesmo. Agora, isso não impede que se crie uma Secretaria de Indústria e Comércio.

Todos esses projetos estão sendo dirigidos para a Região Geoeconômica, e é bom que o René (Superintendente da Sudeco) esteja aqui presente porque ele é um grande defensor dos programas da região. Nós entendemos que a salvação de Brasília, pela sua posição como Capital que hoje já tem um potencial de crescimento, seria todo dirigido para a Região Geoeconômica. Esse contingente de mão-de-obra desqualificada que está em Ceilândia, que veio para cá para trabalhar na construção civil, a única maneira de aproveitá-lo é abrir um mercado de trabalho na região; nós defendemos Goiás, Minas, defendemos qualquer localidade da Região Geoeconômica mas pelo amor de Deus, não atrapalhem a criação da Secretaria da Indústria e Comércio.

NEWTON ROSSI — Eu aproveito a deixa do Lindberg para dizer: Região que tem o seu grande órgão que é a Sudeco, que apenas agora resolveu olhar para a região, na administração do René, diga-se de passagem, é uma homenagem a ele; razão pela qual a Federação do Comércio hoje (anteontem) outorga a ele a Medalha do M Mérito Comercial, como ao Lindberg, porque realmente o René vem fazendo um trabalho colossal em prol da região. **LINDBERG** — Ressalto o Simpósio sobre a Região Centro-Oeste, "Brasil Ceifeiro do Mundo", que foi uma coisa fabulosa. Se houver

verba para fazer aquilo, o Brasil parece que seria um outro Brasil com aquilo tudo, a exportação, o mercado de trabalho, estradas...

NEWTON ROSSI — Ele projetou a região no Brasil todo.

CB — Isso implica desenvolvimento agrícola, implica em desenvolvimento industrial, em criação de escolas, de infraestrutura, quer dizer, o Projeto da Região Geoeconômica é isso.

RENÉ POMPEO DE PINA — E aí há um ponto a observar, pelo menos a seqüência histórica dentro do espaço. Esta região funciona como uma região econômica, nós não podemos fazer uma abordagem isolada. Eu vou dar um exemplo que todos conhecem, é o caso de Goiânia e de Brasília. Eu me lembro muito bem quando começou Brasília, havia um susto por parte de algumas pessoas em Goiânia que tinham receio de que a criação de Brasília viria atrofiar o desenvolvimento de Goiânia e que as coisas iriam se conduzir todas

aquele núcleo de comércio e indústria existente na Secretaria de Agricultura, para que esse núcleo, desenvolvido, amanhã ou depois, pudesse vir a ser um embrião de uma futura Secretaria de Indústria e Comércio. Então, eu volto à indagação: esse diálogo através da Secretaria de Agricultura não tem sido bom, nos últimos tempos?

NEWTON ROSSI — Meu testemunho é de que tem sido o mais excelente possível, haja vista a Feira da Indústria e Comércio que foi feita com o Núcleo, Associação Comercial, Federação do Comércio, Federação da Indústria e Clube dos Diretores Lojistas, um sucesso. O diálogo, o canal existe, mas é um canal estreito, até porque um Departamento de uma Secretaria tem possibilidades infinitamente menores do que uma Secretaria. Dai a nossa reivindicação de que se crie uma Secretaria, para que esse canal seja mais amplo discipline e atenda melhor as necessidades de progresso do comércio

Uma indústria que pode se instalar aqui é a eletrônica

e da indústria de Brasília.
FERNANDO T. VALENTE — Eu acredito, pela experiência que se tem visto da União e dos outros Estados, a existência de uma Secretaria ou Ministério da Indústria e do Comércio não vai eliminar os contatos das outras áreas, vamos dizer, você continua contactando com o Ministério do Planejamento, Ministério da Fazenda, CACEX, Banco do Brasil, porque são assuntos completamente estanques. A ação da Secretaria do Ministério, específica, ela é limitada, vai até certo ponto. Até há pouco tempo, vamos dizer, na área da Secretaria do Ministério da Indústria e Comércio, por exemplo, tinha-se lá o BNDE, mas agora, ele já foi deslocado para a área de planejamento, com outra roupagem e com outra finalidade. Então, esta indagação vem a propósito justamente de fazer sentir que esse diálogo pode ser feito via Governador, via Secretário de Agricultura, e ele não é só Secretário de Agricultura, é Secretário de Produção, talvez tenha havido assim, ao longo do tempo.

RENÉ POMPEO DE PINA — Eu acho que a questão de Secretaria em si é uma questão que eu não tenho ainda conhecimento em detalhes da ideia e quais seriam os projetos, por que criar ou não criar, eu apenas classificaria como uma medida meramente administrativa do Governo, isso não tem nada a ver com a política de industrialização do Distrito Federal. Uma vez definida a política de industrialização do Distrito Federal, essa sim, tem que ser cuidadosamente definida, levando em consideração a função da Capital e a função da Região Geoeconômica. Agora, a questão da Secretaria eu acho que é uma questão mais administrativa de Governo, o Governo pode criar quantas Secretarias quiser, desde que elas tenham função própria, eu acho que isso aí, na minha maneira de entender — eu estou tomando o assunto ainda superficialmente — isso não tem nenhuma consequência maior. Agora, o que nós temos que ter um cuidado muito grande é no sentido de procurar manter no Distrito Federal o tipo de indústria da classe de transformação adequada, compatível com a dimensão e a função do Distrito Federal, quer dizer, em limite nenhum pode-se estimular ou deve-se estimular qualquer instalação de indústria pesada ou de determinado porte aqui, no Distrito Federal. Este é um pensamento que nós temos bastante enfático.

LINDBERG CURY — Antes da sua chegada, René, nós já havíamos defendido, tanto a Federação quanto a Associação Comercial, essa ideia: nós somos contra a presença de indústria poluentes.

RENÉ POMPEO DE PINA — Acho que, no caso, vamos ouvir uma opinião, ver a entidade que poderia se ouvir, a primeira seria o próprio Governo do Distrito Federal para ver o que ele pensa, e o nome, porque às vezes o que está chocando é o nome. Por exemplo, no Mato

